

José James Forrester — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

> Periculosæ plenum opus aleæ
> Tractas; et incedis per ignes
> Suppositos cineri doloso.
>
> (Horat. Liv. II. Ode I.)

I

O ousado intento de escrever algumas linhas para acompanhar e honrar o retrato de um homem tão prestante ao nosso paiz; de fazer conhecida a biographia de um cidadão benemerito, intelligente e activo, não seria por nós levado a effeito, se pennas mais habeis e experimentadas nos não tivessem aplanado já o caminho que ora vamos trilhar. Outra razão ainda mais poderosa e irresistivel nos impelliu a escrever a vida d'este illustre estrangeiro: a sympathia que nos mereceu, e que occultamente lhe consagravamos. Estranho á republica das letras, debeis são as nossas forças litterarias para tal assumpto: sinceramente o reconhecemos e confessâmos. Mas, que a nossa boa vontade, o nosso humilde exemplo, sirva de incentivo a quem se nos avantaje, elevando á merecida altura o «*estrangeiro-portuguez*» de que nos occupâmos, e ficaremos contentes e satisfeitos.

Os versos que tomámos para epigraphe d'este esboço biographico, foram escriptos pelo decantado poeta latino, Horacio, na ode dedicada ao seu amigo e protector Pollion, quando este escrevia a «*Historia das guerras civis de Roma.*» Tão verdadeira quão judiciosa ponderação foi, é, e ha de ser sempre applicavel a todos aquelles que se dispozerem a escrever a historia contemporanea, seja qual for o assumpto que tenha de ser commentado. Não basta que o escriptor junte á imparcialidade a prudencia; que empregue na apreciação dos factos uma investigação accurada e minuciosa; que evite ferir susceptibilidades, sacrificando todo e qualquer preconceito no altar da verdade. Não é isto bastante; porque insensivel e involuntariamente tropeça a cada momento, transvia-se nos seus juizos e deducções, quando, muitas vezes, toma por verdadeiro o que o não é, por certo o que é duvidoso, sendo inefficaz todo o cuidado e boa fé para evitar enganos e equivocações.

N'este presupposto esperâmos que nos relevem

as faltas que commettermos, os erros em que cairmos.

II

Se houve estrangeiro que se esmerasse na apreciação do quanto vale o nosso Portugal; que mais caprichasse em nos fazer justiça; que mais se esforçasse por nos tornar conhecidos das nações estranhas; que mais pugnasse pela nossa lavoira em geral, e pela vinicola em particular, amando ao mesmo tempo o nosso paiz como se n'elle nascêra, esse estrangeiro foi, inquestionavelmente, o barão de Forrester.

Este prestante cidadão escocez, não só honrou Portugal com os seus escriptos, senão que trabalhou incessantemente para o progresso e aperfeiçoamento da sua industria, querendo tanto a este solo como a essa região do norte em que nasceu, patria do imaginoso romancista Walter-Scott, dos celebres philosophos David Hume, e Dugald Stewart, e do famoso financeiro John Law.

O nobre estrangeiro a quem Portugal tanto deve, e que tantos e incalculaveis beneficios prestou ao Douro — ao Douro que elle beneficiou, illustrou e protegeu sempre com predilecta dedicação — veiu encontrar a morte, e de uma maneira desastrosa! n'esse mesmo paiz a que de todo o coração chamava a sua patria adoptiva, n'esse mesmo Douro que tantos sacrificios e fadigas lhe custou, e de que elle era o mais competente, serviçal, dedicado e assiduo representante.

III

José James Forrester, barão de Forrester, commendador da Ordem de Christo, e de Isabel a Catholica; cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, de Carlos III, e de S. Mauricio e S. Lazaro; membro das associações agricolas do Porto e de Inglaterra; academico de merito das academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto; membro correspondente da academia real das Sciencias de Turim; das reaes sociedades Antiquaria, Geologica, Geographica e Zoologica da Gran-Bretanha; das sociedades Geographicas de Paris e Berlim; da real sociedade Humanitaria no Porto, do «reform Club» em Inglaterra, e distinguido com as medalhas de oiro de primeira classe concedidas aos «*savants étrangers*» pelos imperadores da Russia, França e Austria, e por S. Santidade Pio IX, nasceu na Escocia a 27 de maio de 1809.

Em egual mez de 1831 chegou á cidade do Porto, indo para a companhia de seu tio Diogo Forrester, respeitavel negociante que foi d'esta cidade, sob a direcção do qual o joven Forrester se dedicou ao estudo e á carreira commercial, revelando desde logo, na tendencia especial, calculada e reflexiva, que tanto o distinguia entre os da classe, indicios da alta capacidade que mais tarde se havia de patentear e desenvolver.

A 10 de maio de 1836 casou em primeiras nupcias com D. Elisa Cramps, irmã de Francisco Cramps, hoje representante da acreditada firma commercial do Porto, *Offley & Cramps*. Esta senhora falleceu em 3 de agosto de 1847, poucos dias depois de ter adquirido pela sexta vez o doce e sagrado titulo de mãe.

Homem de genio incançavel e expedito, reunindo a uma robusta constituição physica, energia e perseverança pouco vulgares, trabalhava desde o romper do dia até ás seis horas da tarde, hora a que regularmente jantava. Tomada uma resolução nada o desviava do seu proposito, embora os proprios elementos se conspirassem como para contrarial-o. Obstaculos para elle não os havia; quando os encontrava, sentindo-se estimulado, curava de os vencer, o que raramente deixava de conseguir aquella vontade de ferro, tenaz e paciente.

A maxima «querer é poder» parece ter sido creada para o barão de Forrester, que provou em todos os actos da sua vida a verdade de tão conceituoso aphorismo, porque se casava maravilhosamente com o seu modo de pensar e com a sua indole infatigavel.

Negociante honrado e intelligente, activo e emprehendedor, não tinha rivaes na sua classe, realçando pelo seu talento natural, pela vasta erudição adquirida com assiduo estudo, e com o longo trato de continuas digressões no paiz, e fóra d'elle, sendo por toda a parte conhecido e estimado.

Era extremamente amigo de seus filhos, e por elles e para elles trabalhava, sacrificando-se a ponto de não contrahir segundas nupcias. O seu maior prazer era associar ao seu nome o nome de seus filhos, e só assim vivia contente e tranquillo.

Cauteloso e previdente, anteviu a crise commercial que se preparava, e que tão profundamente abalou a praça do Porto, em consequencia do terrivel apparecimento da molestia das vinhas que veiu affectar este importantissimo ramo de commercio.

Foi por esta occasião (1859) e sobre esta crise, que tantas e tão respeitaveis casas comprometteu, e á qual elle escapou pela sua previdencia, que Forrester escreveu os dois opusculos: «*A crise commercial explicada*» — e «*A verdadeira causa da crise commercial do Porto*»; em que mostrava com bem fundadas asserções, e judiciosas ponderações, as causas que originaram a paralysação do commercio de vinhos, e o descredito do mesmo genero, indicando os meios que julgava mais efficazes e proficuos para atalhar o mal e restabelecer o credito da praça do Porto. Estrenuo defensor da preciosidade do vinho do Douro, pugnou sempre pela sua reputação, e pelo paiz que o produzia, já com a sua auctorisada palavra, já com os seus estudiosos trabalhos, em valiosos, instructivos e bem elaborados escriptos, nos quaes, de preferencia, se assignava «*um lavrador do Douro*», com cujo titulo muito se regozijava e desvanecia.

Em Forrester tinha o Douro um artista curioso, um escriptor incançavel, um negociante intelligente, um agricultor activo.

Artista, legou ao paiz numerosos, magnificos e preciosos mappas do paiz vinicola, sobresaindo entre elles o «*Paiz vinhateiro do Alto Douro*», dedicado á rainha D. Maria II, de saudosa recordação, publicado em portuguez e inglez, tendo uma nova edição em Londres por ordem e á custa da camara dos communs. O «*Douro portuguez e o paiz adjacente*», grande mappa, que pela portaria de 1 de abril de 1848 foi adoptado como nacional, e premiado depois pelos monarchas de Hespanha, Sardenha, França, Prussia, Austria, Russia, e por S. Santidade Pio IX, e encorporado no «*Blue Book*» da camara dos communs em Inglaterra, é, sem contestação, o seu mais completo e valioso trabalho, em cuja composição e aperfeiçoamento gastou mais de doze annos, e valiosas quantias. N'este bello e interessante mappa não ha um claro por encher, nem o mais pequeno espaço que não fosse aproveitado com criterio. O Porto e a ponte pensil — a Regoa — um barco do Alto-Douro — um escaler do Porto — as pedras das Ancoras — os pontos do Cachão, salto da Sardinha e outros, são delicadas e lindissimas illustrações que embellezam este minucioso, apreciavel e instructivo trabalho.

Escriptor, deu á estampa, além dos dois opus-

culos já mencionados, mais as seguintes producções:

1843 — «A Word or Two on Port-wine».
1844 — «O commercio do vinho do Alto-Douro».
» — «Wine Trade of Portugal».
» — «Uma ou duas palavras sobre vinho do Porto», mostrando como e porque era adulterado, apontando alguns meios de se conhecerem as adulterações».
1845 — «Observation on the attempts lately made to Reform the abuses practised in Portugal, in the making and treatment of Port-wine».
» — Varios folhetos sobre o commercio do Porto, e correspondencia com as associações Agricola do Douro, e Commercial do Porto.
1849 — «Considerações ácerca da carta de Lei de 21 de abril de 1843, e resultado que d'ella se tinha colhido para o paiz vinhateiro, e commercio de vinhos».
1850 — «A Short Treatise on the unequal and disproportionate Imposts levied on Port-wine shipped from Oporto to Great-Britain».
1852 — «Estatistica do commercio de vinhos do Porto desde 1678, até 1851», com algumas considerações.
» — «Exame sobre a conveniencia de diminuir os direitos do vinho do Porto na Gran-Bretanha, perante a camara dos communs do mesmo paiz».
1853 — «Memoria sobre azeites e sua fabricação».
1854 — «Ensaio sobre a molestia nas videiras, com numerosas illustrações e desenhos microscopicos, adoptado pela «Royal Society» de Londres, e por ella admittido nas suas «Transactions», e premiado em Paris com uma menção honrosa».
» — «Viagens ao Alto-Douro», publicadas no *Jornal do Commercio* do Porto».
1855 — «Viagens á provincia do Minho», publicadas no *Echo Popular* do Porto.
» — «Mappa geologico do leito e margens do Douro Portuguez», com numerosas illustrações photographicas dos pontos mais difficeis para a navegação.
» — «Sondagens do rio Douro desde a barra até á Barca d'Alva», mostrando a altura e espraiação da agua nas estações extremas de verão e inverno.
» — «Dois mappas hydraulicos da barra do Douro», indicando os meios mais faceis de remover os obstaculos que se oppõem á navegação.
» — Numerosos desenhos originaes copiados do natural, dos costumes dos habitantes do Douro, para illustração das suas obras topographicas.
» — «A geologia do leito do Douro, de suas margens e de sua barra», illustrada.
1856 — «Algumas palavras sobre a exposição de Paris».
1858 — Short Treatise on the chemical changes which often take place in Port-wine stored in England».
1859 — «Douro Farmers and Oporto Merchants».
» — «Provas de verdade contra provas de vinho», ou «Mais uma ou duas palavras sobre os vinhos do Porto».
» — «Prize Essay on Portugal, or Portugal and its Capabilities».—Esta interessante obra foi premiada com uma especial e honrosa medalha de oiro, de grande valor.
1860 — «Companion to Portugal and its Capabilities».

Negociante, esmerava-se no preparo dos vinhos que expedia para o estrangeiro, onde a sua marca era sempre apreciada. Caprichava no aceio e boa ordem em que sempre tinha os seus vastos e bem providos armazens-modelos, nos quaes se notava a sua rica e preciosissima garrafeira, que, como em exposição permanente, soprendia o visitante desprevenido, com tão variada collecção de preciosos vinhos do nosso paiz.

Agricultor, finalmente, era elle mesmo que nas suas propriedades vinhateiras, e nas que administrava, ensinava aos trabalhadores o modo como se fazia o grangeio das vinhas, desde a sua plantação até á colheita; a maneira como se colhia e preparava o azeite, de que possuia uma variada collecção de amostras; o processo da applicação do enxofre para combater o mal das videiras, e outras occupações puramente agricolas, tratando a todos com amizade e carinho de pae, e interessando-se por elles como se fossem seus filhos.

Com todos estes predicados, Forrester era a personificação do Douro. Este paiz não necessitava de mais ninguem para o representar.

(Continúa) A. M. LEORNE

TANGER

(Vid. pag. 281)

No dia seguinte não tiveram os nossos combate mais que o da fome e sêde que padeciam, porque os reis e capitães moiros lhes deram tregoas para em conselho tratarem de offerecer capitulação, com a clausula de lhes entregarem Ceuta com todos os moiros captivos que lá estavam; deixando-lhes tambem o infante o arraial com toda a artilheria, armas, cavallos e o mais que n'elle havia, feito o que todos os christãos poderiam livremente embarcar e ir para suas terras.

Sendo este accordo approvado por toda a moirisma com estrepitosos gritos e vozérias, se foram a cercar o palanque, levantando bandeira de paz para tratarem da capitulação, na fórma que já dissemos.

O infante D. Henrique, a quem parecia bom qualquer caminho para salvar a sua gente, vista a extremidade em que se achava, tomando conselho dos principaes, conveiu em tratar da capitulação, para o que enviou ao rei de Fez e mais principes moiros. Ruy Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-Maior. e Payo Rodrigues, escrivão da fazenda del-rei. Os barbaros não respeitaram os parlamentarios, antes os investiram de modo que tiveram de se retirar subitamente para salvar as vidas. Logo após foi o palanque dos nossos investido de novo com tal furia, que de certo seria tomado, se os sitiados não combatessem como homens já desesperados da vida. e que só para tomarem vingança da morte, que viam ante os olhos, pelejavam assim. Este denodo fez com que os moiros se retirassem outra vez sem conseguirem o seu intento.

Vendo que os portuguezes não se rendiam a ferro. recorreram ao fogo. N'essa noite lançaram para dentro do palanque muita lenha alcatroada e accesa, repetindo a este clarão o assalto. O incendio lavrou rapido, e causou grande perturbação; mas o bispo de Ceuta, que em todos os combates se houvera com pasmoso valor, com a bulla da cruzada n'uma das mãos, e a espada na outra, animava os christãos á peleja com palavras cheias de eloquencia e conforto.

absolvendo os moribundos, a quem não pesava acabarem a vida ganhando o nome de martyres da fé e da patria; e com este soccorro espiritual, de tanta efficacia n'aquelles tempos, sustentaram combate sete horas, durante as quaes os moiros se revezaram de gente fresca seis ou oito vezes, sem os nossos se renderem! Não podendo já os inimigos soffrer tanto estrago como n'elles fazia a nossa artilheria, se retiraram por terceira vez para os seus arraiaes.

Logo n'aquella mesma noite os do invencivel palanque, em logar de repousarem do combate passado, tomaram todos pás e enxadas nas mãos, e o primeiro foi o infante D. Henrique, para fazerem um atalho mais forte do que antes havia, reparando-o d'este modo para novo accommettimento.

Os nossos porém estavam já a este tempo em tal apuro, que não tinham que comer senão a carne dos cavallos, e essa meio crua, por lhes faltar a lenha para a assar; quando matavam os cavallos, desfaziam as sellas e albardas para com ellas accender lume, que apenas aquentava a carne. De agua era tanta a falta, que dentro do palanque não havia poço que chegasse para cem pessoas; de sorte que muitos (diz o chronista a quem seguimos) mettiam as lanças na bocca, esperando tirar alguma humidade com que sustentassem a vida. Se não fôra chover algumas vezes, os sitiados teriam morrido á sêde.

Toda a esperança de salvação estava no mar, onde tinham deixado os navios e alguns mantimentos; pelo que accordaram em alongar o arraial para a praia a pouco e pouco, o que, se a principio fizessem, não houveram passado tantos trabalhos. E isto (nota Duarte Nunes de Leão) por culpa do infante D. Henrique, porque el-rei em Lisboa, depois de lhe dar um regimento geral, lhe deu outro particular, escripto de sua propria mão, em que lhe recommendava, entre outras coisas, que quando fosse sobre Tanger, ou algum dos outros logares de Africa, assentasse o arraial de maneira que com duas pontas viesse ao mar; e não havendo gente que para isso bastasse, viesse com uma ponta, para da terra ter refresco e recolhimento seguro, se fosse mister; e rogou ao infante, dando-lhe este regimento, que o lesse muitas vezes; o que o infante não cumpriu; pelo que, não sendo obediente á disciplina militar, não foi muito não lhe succeder bem, e não lhe perdoarem os homens bons e graves os infortunios que depois succederam, e todos lhe carregavam a elle.

No domingo seguinte, 20 de outubro, voltaram os moiros a tratar da capitulação, no que se gastaram tres dias, sendo o infante D. Henrique obrigado a conceder quanto os barbaros exigiam; que era, como já dissemos, a entrega de Ceuta, embarcarem todos os sitiados só com os seus vestidos; e obrigar-se el-rei de Portugal a ter pazes com todos os moiros da Berberia. Para segurança da promessa da entrega de Ceuta, offereceu Calabençala, alcaide de Tanger, seu filho em refens, e pediu um dos nossos infantes.

Em segurança do filho de Calabençala se deram tres fidalgos portuguezes, e em refens da entrega de Ceuta o infante D. Fernando, que de boa vontade consentiu, por livrar aquella gente do risco em que estava, por causa d'elle. Alguns dizem que o infante D. Henrique insistíra em ser o que havia de ficar em refens, com tenção de retirar a promessa da entrega de Ceuta logo que os christãos estivessem postos em salvo, *mas que os do conselho o não quizeram outorgar por não parecer coisa decente.*

Dados os refens de parte a parte, veiu Calabençala, o alcaide de Tanger, ao nosso arraial, buscar o infante D. Fernando, cuja despedida foi a mais dolorosa scena de quantas se passaram no theatro das nossas guerras de Africa, excepto a da perda del-rei D. Sebastião.

O infante apenas levou comsigo alguns criados para serviço da sua pessoa, que foram Rodrigo Esteves, seu amo (aio), fr. Gil Mendes, seu confessor, Pedro Vaz, capellão, mestre Martinho, seu physico (medico), João Rodrigues, seu camareiro (camarista), João Alvares, seu secretario, Fernão Gil, guarda-roupa, José Lourenço, aposentador, João Vasques, cozinheiro-mór; Christovão de Luvica, allemão, homem do reposte (copeiro), e João de Lima, homem do forno.

Depois d'isto, embarcaram-se as nossas tropas nos navios da armada que ficára ancorada nas aguas de Tanger, vindo para Lisboa, excepto o infante D. Henrique que partiu para Ceuta, com o firme proposito de não sair d'alli até se pactuar a liberdade de seu irmão. N'esse mesmo dia adoeceu e caíu de cama, não tanto das fadigas da guerra como da tristeza do captiveiro do infante seu irmão, a que elle dera causa.

El-rei D. Duarte soube d'este desastre no paço de Carnide, para onde tinha fugido da peste que havia em Lisboa. Escreveu logo ao infante D. Henrique que viesse, e ao conde D. Pedro de Menezes, capitão de Ceuta, que não fizesse guerra aos moiros, pelos não indignar contra o infante D. Fernando que em seu poder tinham. Escreveu tambem ás cidades e villas do reino, para que no seguinte janeiro de 1438 mandassem seus procuradores a Leiria, para tratarem coisas que tocavam ao estado do reino e negocios de Africa. A esse tempo se juntaram as cortes, presentes os infantes D. Pedro e D. João, porque o infante D. Henrique conservou-se em Ceuta cinco mezes depois de levantado o cerco de Tanger, esperando a resolução do livramento de D. Fernando; e só quando viu que tinha muita dilação, veiu para o Algarve, onde deu começo á famosa eschola de astronomia, cosmographia, e nautica, na villa de Sagres, da qual mandou muitos dos seus criados e discipulos aos descobrimentos que tanta gloria e riqueza nos trouxeram.

Juntas as cortes, o doutor João d'Ocem lhes fez uma falla, em que mostrou — «qual fôra a tenção que movêra el-rei a mandar seus irmãos a Africa; e quanto elles haviam padecido até se verem obrigados, para salvação de todos, a prometter a cidade de Ceuta, e todos os moiros captivos que houvesse no reino, ficando em refens da entrega a pessoa do infante D. Fernando. Que posto el-rei podesse dar Ceuta aos moiros como lhe fôra promettida, lhe não pareceu justo nem honesto tiral-a da sua coroa, sem lh'o fazer saber, não sómente por serem membros do corpo de que elle era cabeça, mas por muitos dos que presentes estavam, ou seus paes, serem em ajuda d'aquella cidade se ganhar aos infieis.»

(Continúa)

LUCTA DA ONÇA COM A SERPENTE

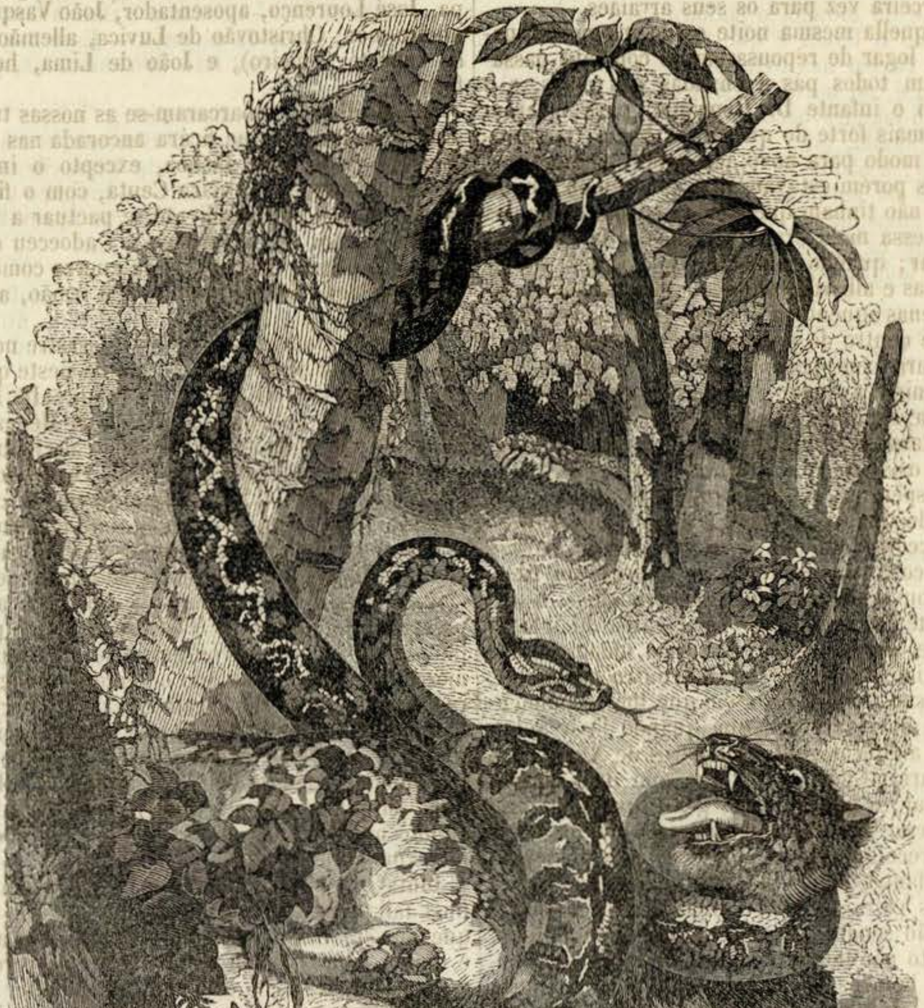
Representa a nossa gravura duas feras terriveis a despedaçarem-se.

A onça do Brasil, chamada jaguará, é equivalente ao tigre do antigo continente, e a elle similhante na figura, com a differença que a pelle não é raiada, porém mosqueada. O seu vigor é tal que accommette, mata, e leva a rastos um boi ou um cavallo.

É singular o modo por que o jaguará mata os animaes de que se nutre. Salta sobre a presa, e parte-lhe a cabeça com as patas dianteiras, sem nunca se servir dos dentes formidaveis que tem. Não os quer embotar no osso para melhor devorar a carne!

Á falta dos grandes herbivoros, o jaguará atira-se ao jacaré, que tem força para se defender, e que muitas vezes mata o aggressor, attrahindo-o para a beira dos rios, onde o afoga. Por isso o jaguará, quando ataca o jacaré, trata logo de ver se lhe tira os olhos; se consegue isto, facilmente o vence, aliás o jaguará arrisca-se a succumbir na lucta.

Nas regiões florestaes do Brasil e da Guyana, o jaguará tem por inimigos as grandes serpentes do genero python, como a que representa a nossa gravura.



Lucta da Onça com a Serpente

Estes reptis suspendem-se pela cauda aos ramos das arvores, á espreita de algum jaguará que passe por baixo, e então deixam-se cair em cima d'elle, enroscam-se-lhe por todo o corpo, tão estreitamente, que o afogam n'um instante. D'este mesmo processo repentino usam as serpentes pythons para matar o homem. O comprimento d'estas cobras varia de 5 a 8 metros; de sorte que podem dar as suas 10 voltas á roda do corpo humano.

O capitão Stedmam conta, que acampando n'uma floresta da Guyana hollandeza, por um tris que não foi victima de um d'estes abraços pythonicos. Estava elle escrevendo á sombra de um caramanchão que os seus negros lhe tinham improvisado, quando de repente sentiu uma grande restolhada na arvore a que o caramanchão estava encostado. Levantou os olhos, e viu por entre a ramada uma serpente enorme, já a fazer balanço para lhe saltar em cima. Fu-

giu-lhe immediatamente do alcance, e com ajuda dos negros conseguiu matal-a a tiro.

Entretanto, estas e outras serpentes da America do sul fazem aos habitantes d'aquelle paiz o beneficio de lhes dar cabo das onças, que são muito mais terriveis, e estão espalhadas por diversas latitudes desde o Novo Mexico, na America do norte, até Buenos Ayres, na America do sul. No centro d'esta parte do mundo, o jaguará foge do homem; e só quando o ferem é que se vira contra o seu aggressor. Porém nas extremidades dos paizes que habita, isto é, ao norte do Mexico e ao sul do rio da Prata, o jaguará accommette o homem de proposito deliberado, para o comer, como a qualquer outra presa; e não se teme das armas de fogo.

As onças ou jaguarás, ainda que estejam muito tempo em jaulas, não perdem a sua ferocidade, e nem sequer, como os tigres, mostram tal ou qual tendencia para se familiarisarem com os que tratam d'ellas.

A VIRGEM DO LEREZ

LENDA GALLEGA

(Vid. pag. 232)

IV

Está a noite em metade do seu curso, e um ligeiro barco que largou da praia, dirige-se, ao monotono compasso dos remos, para a margem opposta do rio. O remador, receiando, sem duvida, que a corrente lhe arrebate o baixel, deita ancora em um pequeno abrigadouro, e occulta-se com a sombra de umas arvores, cujos frondosos ramos se inclinam como se quizessem beijar a limpida superficie das aguas.

O Héllenes [1], minha patria, cidade dos amores! Quão bella e ideal appareceste aquella noite aos olhos de dois amantes que, pela ultima vez, te contemplaram reclinada em teu leito de esmeralda, como gentil cysne adormecido nas ondas!... Tua ponte, jardins, torres e castellos, banhados pelo magico raio da lua, lampada mysteriosa dos ceos que parecia oscillar sobre tua cabeça, erguiam-se, então, mais formosos, mais phantasticos que nunca, e...

— Patria de meus avós!... — exclamou Ricardo, lançando para terra olhar sombrio. — Tão bella e ter que destruil-a!...

— Que dizes? — perguntou Branca.

— Nada... Perdoa-me, meu anjo, se uma recordação importuna me fez esquecer-te por um instante.

— Tu padeces e occultas-m'o!... Por que me não descobres as tuas penas? Se não posso remedial-as e desvanecel-as, poderei, ao menos, choral-as e consolar-te...

— Pobre menina!... — interrompeu o mancebo, entreapparecendo-lhe nos labios amargo sorrir. — Se sou feliz!... Se estou alegre!... Não me vês sorrir?

— Não, não. Vejo em teu rosto os signaes de intimo padecimento. Que tens? Quem és? Nas profundas linhas que sulcam a tua fronte, na infinita tristeza que se reflecte em teus olhos, no teu proprio silencio, alguma coisa ha que me sorprende, e que não acerto em comprehender. Por que me occultas a tua vida?

— Porque nada ha n'ella que possa interessar-te.

— Como?... Não póde interessar-me?

— Não.

— E és tu quem o diz? Que poderia fazer eu para que duvidasses de mim?

[1] Héllenes foi o antigo povo da Grecia que deu nome a todos os gregos.

— Ah, não!... interrompeu o mancebo. Duvidar do teu amor seria caminhar para a morte.

— Então, por que me não dizes quem és, que pensas, que fazes, e tudo em fim?... porque eu quero saber tudo.

— Não, Branca, pede ao ceo que te deixe viver n'essa feliz ignorancia. Não queiras descobrir um segredo que te faria derramar lagrimas de sangue.

— Ricardo!... — exclamou a timida donzella fitando n'elle os olhos de espanto. — Essa linguagem assusta-me. Quem és? Não m'o encubras, por piedade; quero sabel-o.

— E eu não devo dizer-t'o!...

— Far-me-has pensar inutilmente, e a final acabarei por acreditar... quem sabe o que chegarei a acreditar? Dize-me tudo; quero-o; supplico-t'o!...

— Pois bem; em duas palavras te revelarei tudo. Ouve, se tens valor para ouvir-me.

— Falla.

Ricardo guardou um momento de profundo silencio; as faces tornaram-se-lhe pallidas; fitou no mar olhos de indescriptivel amargura, e com voz entrecortada pela dor, continuou:

— Sou... um pobre soldado sem familia, sem lar e sem nome; um infeliz que, ou tem por patria o mundo, ou em toda a parte é estrangeiro. Não me interrompas. Tenho padecido muito, Branca; hei conservado em silencio mil penas que me causaram o orgulho e a crueza dos senhores a quem servi em meus primeiros annos. Fui ultrajado e escarnecido por essa legião de verdugos que o ceo arremeçou á terra em momento de colera; testimunha de seus crimes, senti nascer e desenvolver-se-me n'alma um odio implacavel, talvez um instincto fatal da minha rebelde natureza; e então jurei vingar-me. Sim, vingar-me-hei vendo-os exhalar o ultimo suspiro envoltos nas cinzas de suas ensanguentadas fortalezas; todos desapparecerão da terra como folhas sêccas arrebatadas pelo impeto do furacão, e seremos livres e viveremos com a nossa liberdade!...

— Meu Deus, meu Deus!... Enlouqueceste?

— Se souberas a immensidade do odio que me inspiram!... Dez annos, Branca, dez annos ha que contemplo os seus actos injustos e iniquos; e jurei-o sobre o tumulo de minha mãe, que levaria a vingança até ao mais amado de seus filhos.

— Virgem santissima! — balbuciou a donzella occultando o rosto com as mãos — acaba-se o mundo!..

— Não; acaba-se o crime; acaba-se a vossa raça, que é o verdugo da humanidade.

— E que virá depois? — perguntou erguendo os olhos ao ceo.

— Não sei. Ficam-nos, porém, as armas na mão, e o esforço no animo para luctar contra o mal. Ouve-me: ainda não acabei, falta o mais terrivel. Um de meus antepassados (dá-me attenção já que assim o quizeste), um de meus avós chamou-se *Fernão Perez Churruchao*, que de todos os seus haveres, de todas as suas riquezas, nota bem, só deixou aos filhos insupportavel miseria e o peso de um anathema. Ahi tens a minha historia. Não me perguntes mais, porque sabes tudo.

— E eu que o amo tanto! — murmurou a desventurada menina recordando-se do appellido do seu amante.

— Tremes? — perguntou o mancebo olhando-a de frente.

— Suspeitára-o!... Pois bem: não deves esquecel-o; sobre a minha fronte pesa maldição terrivel, porém sou victima da injustiça. Que fiz eu? Por que me amaldiçoam?

— Ignoro-o; porém, é certo que o ceo te amaldiçoou...

— Importa-me pouco. E tu que, sem o compre-

henderes, respeitas os seus decretos, pede-lhe perdão por me haveres amado. Esquece-me para sempre; e se isto não for bastante...

— Não continues, não continues, por Deus! A desesperação e a morte estão pintadas em teu rosto.

— Sim, Branca; não nos devemos fallar mais, nem tornarmo-nos a ver. Não é certo que não devemos tornar a ver-nos?

— Oh! cala-te!... As tuas idéas infundem-me temor.

— E eu, insensato, que acreditava nas tuas caricias!

— Enganavas-me!...

— Tem piedade, Ricardo... piedade...

— Desprezo, talvez!...

Violenta convulsão dominou n'aquelle instante a infeliz menina; os olhos azues, mais azues que a recamada abobada celeste, despediram um raio de alucinado amor, e lançando-se nos braços do mancebo que a observava receioso:

— Adoro-te!... — murmurou exhalando um suspiro, que devia echoar no peito de Ricardo suave e doce como as tristes melodias de moribunda phenix, melancolico e sombrio como os cantos de Bellini, e cada trecho de Bellini é um gemido da alma, a agonia de um coração envenenado pelo amor!

V

Brilha no horisonte o primeiro sorriso da aurora; as avesinhas, mensageiras do dia, elevam-se chilrando até se perderem no espaço, e do fundo dos valles espessa nevoa sóbe em mil caprichosas espiraes, como columna de incenso que a terra meio adormecida dirige ao rei dos astros.

Branca e Ricardo, envoltos nas sombras do crepusculo, fazem voar ligeiro baixel para a muralha do castello, e avançam... avançam sem conjecturar sequer que podia ser esta a sua derradeira viagem.

— Olha — exclamou Branca estreitando entre as suas uma das mãos de seu amante. — Não vês alli, entre as arvores, uma sombra que se move?

— Não a distingo d'aqui.

— Para o lado da torre do castello, não vês?

— Nada.

— Não te adiantes; pára!...

— Que tens?

— Temor!...

— Temor?...

— Sim... Não sei o que me preoccupa o animo! Voz mysteriosa parece dizer-me que te vou perder!

— Louca preoccupação.

— Não é, de certo. Ha alli uma sombra que nos ameaça... Fujamos...

— Como!... Um rapto!... E és tu que o propões, Branca? Queres marcar na tua fronte negro ferrete... É impossivel...

O barco estava proximo de tocar a terra.

O senhor de Aldara, pallido e convulso, saíu repentinamente do bosque, onde permanecêra occulto durante a noite, e a innocente menina, ao vêl-o, desprendeu um «ai!» que retumbou como grito de morte pela deserta margem.

Ricardo, sorprendido, abandonou o remo, que fez girar o baixel em opposta direcção.

— Encontrámo-nos, por fim! — balbuciou o cavalleiro levando a mão aos copos da espada.

Branca tremeu, como se glacial frio lhe congelasse as entranhas, e quasi no mesmo instante nos labios de Ricardo assomou um riso affrontoso, infernal desprezo que penetrou como ferro candente no coração do offendido irmão, e lhe arrancou um gemido desesperado.

— Não vês que te espero, miseravel?...

O destemido moço encarou-o com desdem; os olhos brilharam-lhe como dois rubins sob o imperceptivel arco de negras sobrancelhas, mas nem uma palavra sequer proferiu.

Branca, toda amor e ternura, tomou conturbada um dos braços do amante; quiz fallar... faltaram-lhe as forças, e os joelhos dobraram-se-lhe como flexivel haste de lyrio vergada pelo vento.

O cavalleiro então, abrazado em ira, tornou a gritar:

— Que esperas?...

Ricardo, porém, immovel e terrivel em seu silencio como o Jupiter de Homero, respondia ás ameaças do adversario com o olhar tranquillo, mas tão intenso e frio, que era capaz de gelar o sangue no coração do tigre.

Expirava a edade-media. Aquelles homens, em cujos peitos a vingança, a inveja, o odio de raça, e o instincto de conservação, ferviam como os metaes no fundo do volcão, desejavam, certamente, fechar aquelle periodo de exterminio com um combate de gigantes. Observae-os: parecem os filhos de Priamo e Telamon, [1] que ao encontrarem-se no campo de batalha se olham frente a frente. O cavalleiro Hugo de Aldara apenas contava trinta annos; Ricardo tinha vinte e seis. Aquelle era conhecido entre os nobres pelo *bravo;* este, no campo da plebe, tem o appellido de *Roldão.*

A lucta era inevitavel. O povo e a nobreza, personificados n'aquelles dois guerreiros, preparavam-se para satisfazer em um instante de raiva todos os odios das duas classes. Mais uma palavra, e torrentes de sangue cairão fervendo no deserto areal.

— Ah!... Tens medo!... — rugiu, por fim, o orgulhoso nobre, arrancando uma das manoplas que arremessou ao barco, e que o inferno, seguramente, fez cair no argenteo rio.

Pallido como um cadaver, ensanguentados os olhos e desconcertado o rosto, Ricardo fez um brusco movimento para se desembaraçar de Branca, que, ajoelhada a seus pés, o obsecrava em nome de Deus; dos labios entreabertos soltou-se-lhe um gemido despedaçador, e, sem vacillar um só instante, precipitou-se ás aguas, que se abriram para o receber em leito de areia, e se tornaram a fechar continuando para logo o seu tranquillo curso.

A innocente menina, inclinada sobre um dos costados do baixel, esperava impaciente a volta do mancebo; porém este não regressava, e as duvidas passavam, passavam, passavam, e as horas corriam, corriam, corriam. Branca, de repente, sentiu desfallecer-se e desmaiou...

Descortinára o valoroso guerreiro, coberto com a sua armadura completamente ajustada, a estorcer-se na areia com as ultimas convulsões da morte!

VI

Vêde-a!

É ella que indecisa vaga pela orla do rio, antigo theatro dos transportes de seu amor, e hoje solitario tumulo de suas esperanças.

Alli está, solto o cabello, que perfumada brisa faz ondear em caprichosos anneis, descoberto o peito, e cerradas as extremidades dos labios por amargo sorriso, palavra mysteriosa da sua alma namorada.

Parece o melancolico Abbdiel de Klosktock, suspirando ao lembrar-se que a eternidade a separa de seu misero Abadoma.

Infeliz! a gotta de fel caíu-lhe tambem no coração; funebres pensamentos lhe cruzam como negro

[1] Priamo, ou o *resgatado*, foi o ultimo rei de Troia. Telamon era o filho de Eaco, rei de Egina. Os filhos de Priamo e Telamon encontraram-se no cerco de Troia.

turbilhão pela desvairada mente. Que dessocego, que agitação, que anxiedade!...

Primeiro, ergue os olhos ao ceo, e com enfraquecida accentuação exclama:

— Ricardo, meu amor!... rodeia-te o silencio dos sepulchros; só o echo das montanhas repete em longinqua distancia «meu amor!» E então suspira e geme, mas nem uma lagrima lhe humedece as faces, porque se esgotou já a fonte do seu pranto.

Depois senta-se; inclina a cabeça no peito, fita os olhos no rio que murmura a seus pés, e arrebatada por uma recordação que brilhou rapida nas trevas de sua memoria, levantou a voz e cantou a trova predilecta de Ricardo.

Com cruel sarcasmo, o echo devolve-lhe a trova, e... vistes em calada noite de estio a estrella que veloz cruza o enluctado espaço, e se perde entre as sombras como luz que se apaga?

Alli a tendes. Os pés ligeiros e breves resvalam-lhe lentamente pelo humido areial; um grito debil e afogado, como o ultimo adeus do moribundo, parece ter saído do seio das aguas. Foi o suspiro da brisa, ou o derradeiro lamento da phenix que morre embalada pelo proprio canto?

Ignorâmol-o.

Passado certo lapso de tempo, os singelos pastores da localidade asseguravam que todas as noites appareciam nas ruinas do castello dos senhores de Aldara, duas sombras que desciam ao rio, por cuja tranquilla superficie vagavam silenciosas, afastando-se depois envolvidas no ultimo raio da lua.

PAÇOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Vid. pag. 321)

II

Tendo assim adquirido, por titulo de compra, os paços em que se achava estabelecida por mercê dos reis legitimos, a universidade tratou logo de fazer as obras que o edificio necessitava. A primeira foi o portal que ainda hoje fecha o terreiro ou pateo da universidade, proloquialmente conhecido pelo nome de porta ferrea, a que tantas satyras tem feito os estudantes.

Construiram-se depois dois geraes novos, e se tratou de dar começo á casa para a bibliotheca, que já estava regulada n'um titulo especial dos estatutos de 1591, dados por D. João III.

O nosso historiador Pedro de Mariz, que viveu em 16**, foi guarda da livraria da universidade, e para ella mandou vir alguns livros de liturgia, que importaram em 500$000 réis. Mas naturalmente havia alguma sala dos paços que servia de bibliotheca, porque a que hoje existe, só se começou a edificar desde os alicerces nos principios do seculo passado, por ordem del-rei D. João V, e, segundo as noticias que ha, tinham-se alli gastado até ao anno de 1723 para cima de cincoenta e oito mil cruzados.

Esta magnifica sala é uma das melhores bibliothecas que ha no reino, e superior a muitas da Europa, segundo o testimunho do conde de Raczynski, que fallando d'ella no seu interessante livro intitulado *Les Arts en Portugal*, diz o seguinte:

«Ce fut Jean V qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.

La peinture du plafond est une vaste composition, très riche comme plusieurs peintures de la même époque que j'ai vues à Lisbonne. Son exécution dénote beaucoup de savoir faire, plus encore dans la partie architectural que dans les figures.

Dans cette bibliothèque, comme partout en Portugal, on trouve quelques restes des travaux des *illuminadores* (peintres de miniatures pour les missels et autres livres de prières); de tout temps ils y ont trouvé de l'occupation. Et de même on rencontre partout des preuves de l'état florissant de l'architecture.

A ceux qui objecteraient que l'architecture portugaise n'a rien d'original, je reponds, qu'à part l'Italie, je connais peu des pays où il y ait jamais eu une architecture à la fois nationale, caractéristique et originale, tandis que je affirme que cela a eu lieu en Portugal, au moins à une époque: sous le rèque d'Emmanuel et de Jean III.»

Esta bibliotheca, com os livros que escolheu das livrarias dos extinctos conventos do districto de Coimbra, tem hoje mais de 100 mil volumes e 900 manuscriptos.

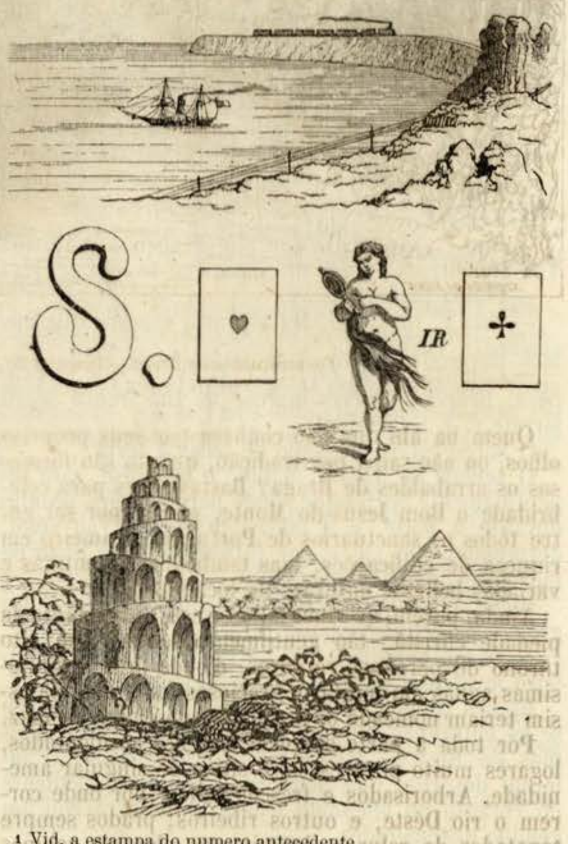
Nos paços da universidade estão as faculdades de direito e de theologia, os archivos, e os aposentos onde reside o reitor.

A galeria de columnas que deita para o pateo, e a nossa gravura mostra de frente [1], é a chamada *via latina*, que dá serventia para os *geraes*, e onde passeiam os estudantes antes de entrarem para as aulas, e nos intervallos de umas a outras.

Para esta galeria abre a sala monumental, chamada dos *capellos*, destinada para a ceremonia dos doutoramentos, onde estão retratados em pé todos os reis de Portugal.

Para conhecimento da historia da universidade, devem ler-se os *Dialogos* de Pedro de Mariz; as *Noticias* de A. Coelho Gasco, e de M. Leitão Ferreira; o *Catalogo* dos reitores de Figueirôa; o *Instituto*, jornal de Coimbra; e as *Revelações* do sr. S. J. da Luz, publicadas o anno passado.

ENIGMA



[1] Vid. a estampa do numero antecedente.